

APRESENTAÇÃO

Eduardo Karol

Professor Associado do DGEO/FFP/UERJ - Aposentado
Associado da Seção Niterói da AGB

Felipe Moura Fernandes

Professor Adjunto do DGEO/FFP/UERJ
Associado da Seção Niterói da AGB

Iniciamos a seção Balalaica com duas poesias de Vladímir Maiakóvski, sendo elas, "Minha Universidade" e "Balalaica". O educador popular Paulo Freire indica que teve suas primeiras "lições" de alfabetização embaixo de uma árvore, escrevendo no chão com gravetos. E isso nos reporta a Maiakóvski na poesia "Minha Universidade". Diferente do que o título sugere, o poeta não trata da instituição universitária, mas das suas experiências nas ruas e de como elas são reveladoras de uma geografia própria que o alfabetiza e o politiza, sendo elas a sua "universidade". Se no primeiro texto cabe uma crítica ao saber instituído e os seus cânones fora da realidade concreta de muitas pessoas, a "Balalaica" é um convite ao "baile". A leitura oportuna do texto capta o ritmo, que foi captado do instrumento musical que, por sua vez, é o título da poesia e da seção de poesias da Revista Fluminense de Geografia. Então, de alguma forma, esses dois textos iniciais e a nossa seção, são pequenas homenagens ao "poeta da revolução de 1917" suicidado pela burocracia.

Após esse momento, a poesia "Quatro Cidades e um Rio" de Manoel Fernandes cumpre o objetivo desenhado no título. O autor, com precisão e poucas letras, faz com que as palavras escritas deslizem como na dinâmica da oralidade que lhe é comum, mas, além disso, revela que o "rio" em forma e conteúdo já estava presente desde a primeira estrofe. Mais uma vez, assim como em Maiakóvski, uma geografia se revela e nos assola de prazer.

Para fechar essa seção, duas poesias de Felipe Moura, a primeira (I) evoca a necessidade do vazio, da falta, da contemplação das ausências em uma “sociedade do consumo” cheia de opções (vazias). O segundo texto (II) assume uma posição de inversão em relação ao que o mundo nos apresenta. Traz a necessidade de atribuirmos “singularidade” ao que o mundo do trabalho nos apresenta como “importante”. Novamente, a geografia se expressa por meio das palavras que estão contidas e que nos contêm.

Abrimos a seção Artigos com o texto de Jefferson Justino Soares, intitulado “As parcerias público-privadas na educação ambiental: movimento histórico que secundariza as funções educativas da escola pública”. Esse texto é resultado das reflexões apresentadas na mesa realizada no XI Encontro Estadual de Professores de Geografia na UERJ Cabo Frio em 25 de julho de 2025. O autor nos convida a refletir sobre a parceria entre público e privado em escola municipal que desenvolve projeto para consciência ambiental.

Em “Mapeamento das condições de trabalho docente na Região dos Lagos: uma análise geográfica e política”, Clara Correia Vieira e Maria Isabel da Silva Lauvres, refletem sobre as “condições de trabalho docente na Região dos Lagos (RJ), destacando a precarização estrutural, salarial e simbólica enfrentada pelos professores”.

Jefferson Oliveira de Paula apresenta revisão bibliográfica, que objetiva relacionar as queimadas e os alagamentos com a ausência de vegetação decorrente dos processos de desmatamento nas proximidades do maciço do Gericinó-Mendanha, sobretudo, a Estrada de Madureira, em Nova Iguaçu/RJ.

Por fim, fechamos esse número com a contribuição amazonense de Rildo Alberto Pantoja e Patrícia Dias Santos, que “discutem como as mudanças hidrológicas extremas afetaram os sistemas socioecológicos ribeirinhos”.

Esperamos, no ano de 2026, contar com a contribuição dos associados, enviando textos, experiências, poesias, entre tantos materiais que a revista possa publicar. Convocamos também os membros do Grupo de Trabalhos das seções Niterói e Rio a se engajar na divulgação dos debates realizados.

Boa leitura!